CAPRICHO

EDIÇÃO DIGITAL - ABRIL2026

GUIA DEFINITIVOPARA ATRAVESSARA **ADOLESCÊNCIA**

Ebony

Abril

A MENTE BRILHANTE
DE EBONY

LOUQUINHAS POR
LOQUINHA: CONVERSAMOS
COM FÃS DO SHIPP

TESTE! TESTE!
VOCÊ SABE SE
INFORMAR PELA
INTERNET?

ESTAMOS OBCECADAS
POR ‘COM CARINHO,
KITTY’

ARTISTA DO MÊS
ZENDAYA!!

CARTA AO LEITOR(E)

ABRIL 2026

Abril chega com o volume no máximo. Não só nas playlists, mas nas conversas, nas ideias e, principalmente, nas vozes que decidiram não ficar mais em silêncio. É nesse clima que a nossa nova edição digital ganha rosto e presença com Ebony.

Ela não pede licença. Ela ocupa seu lugar. E, no meio de beats, rimas afiadas e posicionamentos claros, a jovem de 25 anos já construiu um espaço que vai muito além da música. Aqui, a gente mergulha na relação dela com os fãs, na potência de ser referência e no que acontece quando meninas se veem — de verdade — representadas em alguém que não suaviza quem é.

E talvez esse seja o fio que costura tudo que você vai encontrar nas próximas páginas: essa conversa também ecoa na TV, com a força de personagens como Juquinha e Lorena, que vêm provocando debates importantes na novela das nove, Três Graças. A repórter Juliana Morales conversou com meninas que se sentem muito representadas pelo casal sáfico.

Essa conversa também ecoa na TV, com a força de personagens como Juquinha e Lorena, que vêm provocando debates importantes na novela das nove, Três Graças. A repórter Juliana Morales conversou com meninas que se sentem muito representadas pelo casal sáfico.

“Na minha casa, mesmo eu já tendo me assumido, ainda é um assunto difícil de surgir naturalmente nas conversas. E, nessas últimas semanas, houve momentos do meu pai me chamar de Juquinha (eu também sou ruiva) ou da minha mãe dizer algo como ‘você sabe que seu pai não é o Ferette, né?’, querendo dizer que ele jamais reagiria do mesmo jeito que o pai da Lorena”, conta uma das entrevistadas.

Mas viver em um mundo hiperconectado exige mais do que presença e representação: pede consciência. Por isso, a gente também te convida a olhar com mais atenção para a forma como você se informa na internet, quando todo mundo está disputando a sua atenção:. O que você consome? Em quem você confia? E o quanto isso influencia o jeito que você vê o mundo e a si mesmo?

No meio de tudo isso, tem espaço para o que a gente ama compartilhar: o CH Charts, nosso ranking afetivo do momento. Aquilo que virou obsessão na redação, que a gente ouviu, assistiu, salvou e não parou de indicar. Porque cultura pop também é conexão (e dividir isso faz parte de quem a gente é).

Que esta edição te lembre: você não precisa diminuir para caber.

Um beijo,

Déa

Andréa Martinelli

Andréa Martinelli,
editora-chefe //

****

MANIFESTE
DESOBEDEÇA
seja você

ESTAMOS OBCECADAS

POR 'COM CARINHO, KITTY'

Artista do mês

Zendaya

Entre tapetes vermelhos que viram pauta e personagens que viram espelho, Zendaya é a artista do mês da CAPRICHO. Só neste mês, ela está em O Drama, filme com Robert Pattinson, e na nova temporada de Euphoria. Em 2026, ela ainda estará no novo filme de Duna, viu? Ela dispensa apresentações, domina a conversa com escolhas de carreira afiadas, looks que ditam moda em segundos e uma presença que gera muita inspiração. Te amamos, viu, prima?

A mente brilhante de Ebony

Da Baixada Fluminense para o centro do debate, Ebony torna vivências em discurso potente e se firma como voz essencial de uma geração.

texto por BRUNA NUNES edição por ANDRÉA MARTINELLI
fotos por CAMILA TUON

Em um Brasil que registrou mais de 1.500 vítimas de feminicídio só em 2025, sendo este o maior número da última década, a rapper Ebony, aos 25 anos, transforma música em discurso político e se consolida como uma das vozes mais urgentes da juventude e que se conecta com ela. Não à toa, em fevereiro deste ano, a artista foi convidada para o evento oficial de assinatura do Pacto Nacional "Brasil Contra o Feminicídio". Ali, ela viralizou ao dar uma entrevista para a TV Globo, afirmando que o melhor caminho para combater a violência é a educação. "Eu fico pensando muito em como viver sob risco constante afeta a gente. A gente já entende isso com violência urbana, mas não fala o suficiente sobre o impacto da violência contra mulheres", afirma em entrevista à CAPRICHO, durante o ensaio de fotos para a capa da edição digital de abril de 2026.

Foi assim, com uma posicionamento firme e contundente, que ela se tornou viral no início do ano. Nesse momento, ela furou a bolha e muita gente passou a conhecer a rapper carioca. Mais do que ocupar espaços institucionais, ela vem tensionando o que eles significam e para quem eles existem já há um tempo. E ela faz isso com música. A carreira dela começou cedo: aos 17 anos, publicando faixas no SoundCloud e fazendo som autoral na internet. Hoje, soma projetos como *Visão Periférica* (2021), *Terapia* (2023) e *KM2* (2025), além de músicas que viralizaram e atravessaram a internet, como *Bratz*, *Pensamentos Intrusivos* e *Espero Que Entendam*.

"Para mim, não existe achar que política não é importante."

Ebony

Pulseira **OAOA**
Anéis **PANDORA**
Camiseta **UMS 458**
Bota **ARAFA ARAN**
Brincos **CARLOS PENNA**
Sobre-pele **SOFIA DUARTE**
Saia **PRADA** (PIERŌ RARE GOODS)

"Eu sempre senti que o KM2 foi um parto pra mim. É a primeira vez me abrindo sobre coisas mais íntimas"

Ebony

Agora, no início do mês de abril de 2026, ela lançou a versão "de luxo" (uma tradução literal do termo deluxe, em inglês) de seu álbum KM2, que aparece em uma nova roupagem. CAPRICHO ouviu em primeira mão e pode afirmar que o álbum mistura memórias, interlúdios sobre sua infância e adolescência em Queimados, na baixada fluminense, e novas camadas sonoras. A versão "de luxo" chega ainda mais lapidada, mas mantém o coração da artista exposto. "Eu sempre senti que o KM2 foi um parto pra mim. É a primeira vez me abrindo sobre coisas mais íntimas", conta. "É [também] sobre o quanto a minha mensagem pega essas pessoas, bota fé? Isso é um grau de conexão que está muito além da música."

E o novo momento também é estético. Se a capa anterior do KM2 remetia a um desenho infantil, agora Ebony posa ao lado de uma obra de arte assinada pela artista Hester Landim - de 22 anos, natural de Mauá, em São Paulo - apontando amadurecimento, sem deixar sua essência e raízes de lado. "É como se eu retomasse a narrativa. E também tem um diálogo com esse imaginário da era vitoriana e do iluminismo, que consolidou nomes de homens brancos europeus. Parte do gesto de se colocar como artista nesse lugar. É isso: eu também sou artista", afirma.

Se, do lado daí, você ainda acredita que política e música não se misturam, ela desmonta esse argumento com a própria trajetória. Em gêneros historicamente marginalizados, como o hip-hop e o funk, ela faz da música uma ferramenta de leitura de mundo e de transformação.

"Entendo que muitas pessoas não têm tempo pra pensar nisso porque estão sobrevivendo. Para essas, eu tenho todo o amor do mundo. Mas qualquer pessoa que tenha algum tipo de privilégio e diga que política não importa... a gente tem um problema." Direta, sem rodeios, ela resume: "Para mim, não existe achar que política não é importante."

Corset **ARTESANATO CHAVE**
Sobretudo Preto **BARACK**
Brincos **CARLOS PENNA**
Sobretudo Laranja, Saia
e Camisa **NORMANDO**
Salto **SCHUTZ**

Além dos beats viciantes, a transformação de suas letras em trends é resultado da identificação de seus fãs. E se eles se inspiram nela, o sentimento é recíproco. “Eu acho que é uma via de mão dupla. Porque se for pra falar sobre cura e sobre se reentender no mundo, ver que isso tá acontecendo pra eles faz com que isso aconteça pra mim”, conta.

Viralizar nas redes sociais não é algo novo para Ebony. Em 2023, ela criou uma disstrack - expressão que vem do inglês disrespect (desrespeito) combinada com track (música); ou seja, refere-se a canções criadas para expor e insultar - direcionada à cena masculina do rap e abriu uma discussão super importante. Em Espero Que Entendam, ela sintetiza a desigualdade: enquanto homens precisam de “um microfone e um sonho”, meninas e mulheres constroem carreira com esforço redobrado.

A reação veio rápida de ambos os lados: ataques e apoios. Mas, para Ebony, insistir em tentar convencer homens a ouvir música de mulheres rappers, em especial, pode ser perda de energia. “A gente está perdendo muito tempo tentando educar homem a ser gente, e é um tempo que a gente podia estar gastando educando mulheres a serem mulheres ainda mais incríveis.”

“Eu não tô dando tanta atenção para o que homens pensam nesse momento. A gente tem 11 mulheres para cada homem. Se elas decidirem me ouvir, eu não tô nem aí pra eles mais”

Ebony

O ponto, para ela, é outro: foco no que as artistas estão fazendo e em quem está ouvindo seu som de verdade. “Eu não tô dando tanta atenção para o que homens pensam nesse momento. Se elas decidirem me ouvir, eu não tô nem aí pra eles.”

Há também um alerta estratégico: quando meninas mulheres avançam, a reação contrária vem. “No momento em que as mulheres mais estão se colocando contra a violência, vai haver retaliação. Se os caras não ouviam a gente [rappers brasileiras], não vai ser agora que vão começar.”

LEIA A ENTREVISTA COMPLETA ABAIXO:

CAPRICHO: Você vai entrar em turnê agora. Você se sentiu mais cobrada ao entrar no mainstream?

EBONY: Na verdade, não me considero alguém mainstream ainda... eu acho que eu tô ali no midstream, se a gente puder usar isso (risos). Mas uma coisa que eu já pontuei é que, particularmente, não acho interessante quando um homem tá recebendo um cachê de um milhão e o show dele é... um sonho no palco. Cara, se você pode fazer mais, tem que fazer mais. E o público que investiu no seu show também quer ver algo melhor.
Eu uso muito isso pra tentar me polir, me adaptar e melhorar sempre. Claro, se você é uma artista que tem uma visão de um microfone e uma caixa de som, ok. Mas, se você está recebendo dinheiro pra fazer algo mais elaborado que isso, por que não fazer?

A turnê vai trazer novidades no show?

Muita coisa. Vai mudar todo o show! Cara, eu inclusive estou assinando o look dos shows dessa vez. Estou construindo toda a linguagem do show junto com uma equipe especializada nisso; também é a primeira vez que isso acontece na minha carreira. Além disso, eu estou aprendendo bem mais coreografias. Muitas pessoas não sabem, mas eu danço.

Você comenta que o KM2 foi feito pela Milena. Afinal, existe diferença entre Milena e Ebony?

Eu sinto que a Ebony foi criada a partir de coisas que eu não queria que as pessoas soubessem que eu passei. Então, quando eu faço um álbum contando tudo isso e dizendo meu nome de verdade, é como se essa barreira tivesse sido completamente quebrada. Até porque não é proposital. As pessoas acham muito que a gente faz isso, que os artistas fazem isso de forma proposital. Tipo: "ai, vou criar outro nome pra ter outra personalidade". E não é assim. É mais sobre de onde você está sendo chamado, pelo quê e por quem.

Você pensa em algum momento adotar Milena artisticamente?

Ai, não. Eu acho a Ebony mais icônica (risos).

Mostrar mais da Milena em KM2 te deu medo? Como foi resgatar histórias tão pessoais?

Tenho algumas dessas letras há muito tempo, acho que menos da metade, mas ainda assim muitas já existem há um tempo. E sim, cara, eu pensei muito em não fazer isso agora, porque sou muito nova e tive medo de as pessoas esquecerem como eu sou, e depois eu mesma não conseguir mais acessar um lado criativo bom. Só que, no fim do dia, tanto faz também. Eu tô fazendo música por mim, então eu só lancei, mesmo que isso tenha ficado um pouco no fundo da minha cabeça por um tempo.

Então o KM2 te moldou artisticamente?

Pra caramba. Eu nunca tinha feito algo tão denso quanto KM2. Eu vi a forma como as pessoas me viam mudar. Vi os meninos que ficavam me tacando hate por eu ser ruim e "só falar de sexo" ficarem quietos. Antes, algumas pessoas diziam que, se fosse pra gravar rap de verdade, "a Ebony não conseguiria". Tudo isso foi muito interessante porque, de novo, eu não fiz música pensando nisso. Mas, quando vi que as pessoas estavam dispostas a acompanhar a forma como eu quero ser vista, a autoimagem que eu quero passar, isso foi muito acolhedor. Eu me senti muito acolhida pela cultura do hip-hop.

Pulseira **OAOA**
Anéis **PANDORA**
Camiseta **UMS 458**
Bota **ARAFA ARAN**
Brincos **CARLOS PENNA**
Sobre-pele **SOFIA DUARTE**
Saia **PRADA** (PIERŌ RARE GOODS)

Saia **UMS 458**
Chinelo **KENNER**
Jaqueta **ABRILHANTE**
Meias **ALEX ALMEIDA**
Colares e Anel **PANDORA**
Brinco **HECTOR ALBERTAZZI**

Como foi abrir algo tão íntimo no estúdio e para outras pessoas trabalharem?

Então, liricamente, eu não sou questionada no estúdio. Nunca. E eu gosto disso, porque a minha caneta é tudo que eu tenho. Mas tiveram músicas, como "Não lembro da minha infância", que foram difíceis de gravar. Porque você fica ouvindo aquilo em loop. E foi denso pra mim. Demorei bastante tempo pra conseguir finalizar, até pra ouvir a mix. E não só pra mim. Os próprios produtores falaram como era estranho estar produzindo um trauma. Porque é isso: você tem alguém em loop falando sobre um trauma e precisa produzir aquilo sem atravessar, sem levantar pra dar um abraço. No final, isso virou um processo de acolhimento que me surpreendeu. Porque eu estava no modo "vamos produzir, é só mais uma música". Mas, quando o outro ouve, aquilo se torna real. E aí eu consegui sentir o peso da minha própria história.

Muitas vezes, como fãs, a gente acaba desumanizando os artistas. Como você vê o impacto desse álbum na forma como o público te enxerga?

Pela primeira vez, eu fui chamada de Milena no palco enquanto as pessoas aplaudiam. Foi uma sensação muito estranha, mas muito bonita. Eu vi que eles me viam de fato por quem eu era e, ainda assim, gostavam de mim. Acho que esse é o maior medo de quem foi uma criança traumatizada: de que, se descobrirem, ninguém vai gostar de você. Então, lançar esse álbum foi colocar isso à prova e ver que não é verdade. Quem gosta da gente continua gostando, mesmo quando a gente vem de um lugar difícil.

E sobre o deluxe, como surgiu a ideia de incluir skits?

Na primeira ideia, eu já tinha pensado em colocar. Pensei em fazer mais cinco músicas. E aí fui estudar o álbum de novo, ouvir tudo, e fiquei com a sensação de que ele já estava completo, liricamente, no sentido sonoro, musical. Então eu falei: cara, todas as músicas aqui, pra mim, são muito boas, eu gosto muito de todas elas, mas senti que elas não têm conectivos. Minhas referências são os álbuns de 2004, em que todos tinham muitas skits — pequenas cenas faladas, diálogos ou áudios conceituais inseridos entre músicas — e eu cresci ouvindo isso.

Bolsa **CEGIRRE**
Salto **LENNY & CIA**
Óculos **MARC JACOBS**
Jóias **HECTOR ALBERTAZZI**
Jaqueta e Cinto
CASA PAGANINI
Sobre-pele e Bermuda
GLENN MARTENS
(PIERŌ RARE GOODS)

Fale mais sobre a decisão de lançar uma versão de luxo.

O KM2 Bruto, que é como eu chamo a primeira versão, é denso. A gente tem momentos épicos, felizes e tudo mais, mas ele é denso. A gente fica reflexivo quando ele termina, né? E eu queria tirar isso. Eu queria que a gente pudesse se deleitar. Eu queria que fosse um misto de conhecimento histórico com o que você geralmente vai querer ouvir quando uma amiga sua tem algo pra dizer. Eu quero que as pessoas sintam que estão conversando comigo numa mesa de bar. E, numa mesa de bar, eu vou falar sobre a Sojourner Truth, sobre ser mulher negra e sobre a crise da masculinidade, mas também vou fazer muitas piadas bobas. Eu sou essa pessoa, bota fé?

Por que mexer na ordem das músicas?

Cara, a ordem do álbum foi alterada oficialmente umas três ou quatro vezes, por mim mesma, desde a primeira versão. E aí, depois que cheguei na ordem final, que fez todo sentido pra mim, é como se as faixas acompanhassem o meu crescimento. Como se eu começasse em Queimados, passasse pela infância, pela adolescência, pela realização dos problemas que estavam me acompanhando, até chegar em Extraordinária. Antes, o álbum acabava com Roubando Livros e agora vai ser concluído de outra forma.

Você diria que o álbum é um presente seu para você mesma?

Eu acho que esse álbum é um presente meu pra mim mesma. Mas, se você falar “ah, você tava cantando pra você?”, aí não. Não era pra mim. Também não era pro público. Não era pra ninguém que eu não conhecesse. Eu parei pra pensar: “gente, será que as pessoas do meu passado ouvem a minha música?”. Porque eu não tenho mais contato com elas. Se elas pudessem me ouvir, o que eu diria? O que eu diria pra minha família que me chamou de sangue ruim e me deserdou? O que eu diria pros meus amigos que tinham comportamentos completamente tóxicos comigo quando eram 10 anos mais velhos do que eu? O que eu quero que eles ouçam? Será que eles estão me ouvindo? Espero que sim.

Por fim, o que muda simbolicamente com a nova capa de KM2?

A capa do KM2 Bruto foi feita de forma bem simplória, como se fosse a Milena criança desenhando. Essa era a ideia: passar algo quase ingênuo, aberto à interpretação. Mas a nova capa muda esse lugar. Não é mais um desenho feito por uma criança — é uma artista desenhando uma criança. A vítima vira parte de uma obra de arte. É como se eu retomasse a narrativa. E também tem um diálogo com esse imaginário da era vitoriana e do iluminismo, que consolidou nomes de homens brancos europeus. Parte do gesto de se colocar como artista nesse lugar.

É Isso: eu também sou artIsta.

DIREÇÃO DE CONTEÚDO: Andréa Martinelli
DIREÇÃO DE ARTE: Matheus Carvalho
TEXTO: Bruna Nunes
FOTOGRAFIA: Camila Tuon
LIGHT DESIGN: Pâmela Anastácio
VÍDEO: Tiago Zani & Luiza Nóbrega (TWZ)
BELEZA & CABELO: Camila Anac
ASSISTENTE DE BELEZA & CABELO: Chloe D'Oliveira
STYLING: Ânéco Oblangata
CATERING: Aizomê

LORENA E JUQUINHA <3

Três garotas contam à CAPRICHO como é ver suas vivências, finalmente, sendo retratadas em uma novela no horário nobre na maior emissora do país.

por Juliana Morales, da CAPRICHO

“Uma pessoa hétero, talvez, nunca tenha tido esse tipo de pensamento, mas é muito especial sentir, pela primeira vez, que eu realmente entendo o que um personagem está passando, e que tudo o que acontece com elas pode se encaixar na minha realidade também”, diz Rafaella*, de 21 anos, telespectadora de Três Graças e fã do casal Lorena (Alanis Guillen) e Juquinha (Gabriela Medvedovsky).

A jovem, que preferiu não se identificar com o sobrenome, conta à CAPRICHO que acompanhar a história de um casal formado por meninas de uma faixa etária próxima a dela é inédito. “Na época da Lica e da Samantha (Malhação: Viva a Diferença), eu era obcecada por elas, mas eu era muito nova, a ideia de um romance no Ensino Médio era uma fantasia pra mim”, explica.

Além do fato das personagens estarem vivendo a mesma fase da vida que ela e até na mesma cidade em que mora, a identificação não para por aí. Rafaella diz que todo o arco da Lorena se descobrindo, escondendo da família, contando primeiro para o irmão mais novo “ressoou muito nela”.

“Na minha casa, mesmo eu já tendo me assumido, ainda é um assunto difícil de surgir naturalmente nas conversas. E, nessas últimas semanas, houve momentos do meu pai me chamar de Juquinha (eu também sou ruiva) ou da minha mãe dizer algo como ‘você sabe que seu pai não é o Ferette, né?’, querendo dizer que ele jamais reagiria do mesmo jeito que o pai da Lorena”, conta.

FOTO: DIVULGAÇÃO/GLOBO

“Essa novela acabou dando aos meus pais a oportunidade de usar as personagens para dizer que eles me aceitam, de um jeito natural, que eles sabiam que eu ia entender. E eu acredito que isso não esteja acontecendo só na minha casa, é exatamente por isso que representatividade importa.”

NÃO É SÓ SOBRE RETRATAR, MAS A FORMA COMO ISSO É FEITO

Tatiany Diniz, que tem 26 anos, enxerga que cresceu em uma época em que ser mulher lésbica era mais “aceitável”, “mas as referências eram escassas, quase nulas”. “Se aparecia alguma personagem sáfica, era em série estrangeira e geralmente a personagem acabava mal, morria ou “voltava” para um homem”.

“NÃO É SÓ SOBRE OUTRAS MULHERES SE SENTIREM REPRESENTADAS, MAS TAMBÉM SOBRE MOSTRAR PARA FAMÍLIAS E A SOCIEDADE QUE O AMOR ENTRE PESSOAS DO MESMO SEXO É NATURAL.”

Com Juquinha e Lorena é diferente. “São várias camadas, mas o que mais me toca é o jeito que elas se conheceram e como a relação delas foi se desenvolvendo de forma tão verdadeira e carinhosa ao mesmo tempo que enfrentam temas reais, como a homofobia. Me lembra muito de experiências minhas e de situações que já enfrentei em relacionamentos sáficos”, conta.

Clarissa Olivia, de 21 anos, diz que, “por ser gen z, teve várias referências no seu processo de reconhecimento como mulher sáfica”, mas também sempre encontrou em produções estrangeiras ou em enredos mais voltados para militância.

“É importante para sermos e nos sentirmos vistas em uma novela. Não é a mesma coisa que ser retratada em uma produção nichada, dentro de um streaming”, afirma. “É lindo ver e acostumar o olhar da geração mais velha com a presença daquilo que é normal e rotineiro, mas que, até então, era retratado com esteriótipo negativo”, continua.

A jovem destaca a forma leve como é construída a relação de “Louquinha”, sem colocar a a homofobia de terceiros, como a do Ferette, como ponto central da relação delas. Afinal, nem tudo é sofrimento e militância a todo tempo. Retratar o olhar apaixonado de duas mulheres

“A REPRESENTATIVIDADE DE UM HORÁRIO NOBRE NA MAIOR EMISSORA DO PAÍS MEXE CONOSCO EM UM PONTO DE ALÍVIO, PRINCIPALMENTE AO MOSTRAR BOBEIRAS DA ROTINA, COMO UM DATE TRANQUILO EM UM RESTAURANTE NO FIM DO EXPEDIENTE.”

Mesmo que as jovens acreditem que o autor Agnaldo Silva está acertando em cheio em Três Graças, há alguns pontos que ainda geram incômodo em sáficas que acompanham a novela. “Me incomoda é a ausência da palavra “lésbica” na novela, ainda parece existir um certo receio em torno do termo, quando essa poderia ser uma boa oportunidade de ajudar a tirar o estigma que ele carrega”, observa Rafaella.

Outro ponto que soa estranho, segundo ela, “é o fato de o assunto casamento ter surgido antes mesmo de a novela assumir de qualquer forma mais clara que elas dormiram juntas. “É um pouco distante da realidade, não?”, questiona.

Tatiany concorda que, apesar de adorar como a narrativa delas é conduzida, o lado mais íntimo poderia ser mais explorado. “As cenas ainda são um pouquinho adolescentes na minha concepção, encontro em bares e beijos, não passa muito disso. Queria ver mais intensidade, porque casais heteros nunca tiveram esse problema”, opina.

Ainda não se sabe qual é o desfecho do casal “Louquinha” e se a intimidade delas será mais trabalhada até o fim da novela, mas uma coisa que Clarissa e todas jovens sáficas têm certeza é que **“nós não queremos mais histórias em que o final é vencido pelo preconceito”.**

* TESTE * TESTE * TESTE * TESTE * TESTE * TESTE * TESTE * TESTE *

VOCÊ REALMENTE SABE SE INFORMAR PELA INTERNET?

Faça o teste abaixo e descubra se você é do tipo que acredita em tudo ou se já pode ser considerado um verdadeiro detector de fake news.

1. QUANDO VOCÊ VÊ UMA NOTÍCIA BOMBÁSTICA NAS REDES SOCIAIS, O QUE FAZ PRIMEIRO?

A Acredita se muita gente compartilhou

B Dá uma olhada rápida, mas já comenta

C Procura saber a fonte da notícia

D Compartilha na hora

2. COMO VOCÊ COSTUMA SE INFORMAR SOBRE O QUE ESTÁ ACONTECENDO NO MUNDO?

A Mistura redes sociais com sites confiáveis

B Pelos amigos e grupos

C Não acompanho muito

D Só pelo TikTok/Instagram

3. VOCÊ JÁ CAIU EM FAKE NEWS?

A De vez em quando

B Várias vezes

C Nunca (ou raramente!)

D Acho que sim, mas não tenho certeza

4. QUANDO VÊ UMA INFORMAÇÃO DUVIDOSA, VOCÊ:

A Ignora, parece fake

B Nem liga

C Pergunta pra alguém que entende

D Pesquisa em outras fontes

5. PRA VOCÊ, CHECAR INFORMAÇÕES É ALGO QUE É:

A Perda de tempo

B Algo que outros podem fazer por mim

C Muito importante

D Essencial!

RESULTADOS NA PRÓXIMA PÁGINA :)

RESULTADOS!!

SE VOCÊ MARCOU MAIS A

CUIDADO!
Você pode estar espalhando informação falsa sem perceber. Vale desacelerar antes de compartilhar.

SE VOCÊ MARCOU MAIS B

QUASE LÁ
Você se informa, mas ainda confia rápido demais. Um pouco mais de checagem faz diferença.

SE VOCÊ MARCOU MAIS C

MANDANDO BEM
Você busca confirmar antes de acreditar. Siga assim!

SE VOCÊ MARCOU MAIS D

RADAR ATIVADO
Você tem pensamento crítico e sabe identificar fake news. Pode até ajudar outras pessoas.

não é fácil ficar de fora

POR GAUTIER LEE*, colunista da CAPRICHO
Foto: Disney Channel/Divulgação

oi.

hoje o papo é diferente. não é nada grave, eu juro. mas é importante. tão importante que eu nem tô usando maiúsculas para escrever. no fim de 2024, eu decidi me afastar das redes sociais. eu nunca coloquei um prazo para essa data. o afastamento iria durar até o meu coração sentir o contrário. e agora ele sentiu. foram 509 dias offline, longe do instagram e longe do twitter. e se você já me conhecia antes do meu sabático digital, você provavelmente presenciou o tanto de tempo que eu ficava nessas redes.

eram horas a fio. eu ria, me irritava, me informava, me desinformava, trabalhava e fazia muitas outras coisas que dependiam das redes sociais. e eu não vim aqui pra dizer que encontrei a paz ou tive grande iluminações intelectuais nesse meio tempo. foram 509 dias... normais? eu continuei rindo e continuei me irritando (e como!). me informar exigiu um pouco mais de esforço. mas meus amigos se tornaram ótimas fontes de notícias e inclusive me avisaram na mesma hora quando a zuri, filha da brunna e da ludmilla, nasceu. até porque esse era um evento da história negra brasileira que eu não poderia perder de forma alguma. foi esquisito acompanhar "de fora". foi esquisito estar de fora.

mas houve um lugar no qual eu sempre estive "por dentro": aqui mesmo. nessas palavras. nesta revista. na nossa CAPRICHO. já tem mais de duas décadas que a capricho tem estado comigo. é mais de ⅓ da minha vida. aproximadamente 71,875%. é tanto tempo que eu até aprendi a fazer conta. e nós sabemos que números não são o meu ponto forte. de menstruação à masturbação a capricho me ensinou a entender melhor o meu corpo. foi ela que me explicou a importância do equilíbrio amor x carreira. eu segui os conselhos? não. mas que a CAPRICHO explicou, ela explicou. e foram tantas outras conversas sobre tantos outros tópicos: política, divas pop, saúde mental, astrologia, drogas, bbb, meio ambiente, skin care, feminismo, tendências fashion, etc, etc, etc...

eu tentei continuar listando, mas daí eu comecei a chorar. demorei uns instantinhos para conseguir voltar a escrever. mas cá estou novamente. alguns sentimentos são tão intensos que acabam causando essas reações físicas involuntárias. mas isso não quer dizer que eu sou contra o choro! pelo contrário, chorem porque chorar faz bem! é engraçado poder escrever minhas bobajadas e piadocas em uma revista que me acompanha há tanto tempo. confesso que às vezes eu acho a galera daqui meio doida por ter me dado essa moral. mas é sempre bom encontrar pessoas tão doidas como a gente. e eu só tenho a agradecer a cada uma delas pela honra de me acompanharem nas minhas doideiras.

depois de dois anos vivendo o privilégio de colocar minhas palavras na capricho, agora estarei voltando a praticar a técnica milenar de ser leitora. isso não é uma despedida. isso não é adeus. isso é um “acabou a minha vez de me esconder, mas eu ainda quero brincar de pique-pega.”

com um carinho que se espalha por todas as timelines de todo o multiverso,

sua caprichette preferida,

gaut

Gautier Lee

GAUTIER LEE É UMA ROTEIRISTA-DIRETORA QUEER NEGRA. É UMA DAS FUNDADORAS DO MACUMBA LAB, UM COLETIVO DE PROFISSIONAIS DO AUDIOVISUAL NEGRO NO RIO GRANDE DO SUL. ESCREVE MENSALMENTE PARA A CAPRICHO.

CH CHARTS #1

As coisas malucas (ou não) que ficaram em primeiro lugar no nosso coração esse mês.

#1_ainda presa no Bad Bunny no Japão
Déa Martinelli, editora-chefe

#1_Disneyland Paris!
Sofia Duarte, repórter de moda & beleza

#1_show da Addison Rae no Lolla <3
Nathália dos Santos, estagiária de moda & beleza

#1_a nova decoração do meu quarto
Juliana Morales, repórter de comportamento

#1_'A série The Lincoln Lawyer'
Anny Guerrera, repórter de entretenimento

#1_'WOR$T GIRL IN AMERICA' da Slayyyter
Juliana Kataoka, social media

#1_'U' da underscores
Matheus Carvalho, desginer

#1_Ver a Lorde ao vivaço pela primeira vez <3
Rômulo Santana, estagiário de entretenimento

#1_primeiro show da Chappell Roan no BR <3
Arthur Ferreira, colaborador de entretenimento

#1_'Esboço' da Rachel Cusk
Dani Rosa, designer

#1_Enfim, contratado! O bem vencendo
Victor Evaristo, estagiário de comportamento

* EXPEDIENTE *

CAPRICHO

EDITORA-CHEFE: Andréa Martinelli
ARTE: Matheus Carvalho (designer) Dani Rosa (Designer)
REDES SOCIAIS: Juliana Kataoka (coordenadora de redes sociais)
TEXTO: Anny Guerrera (Repórter de Entretenimento), Arthur Ferreira (colaborador de Entretenimento), Juliana Morales (Repórter de Comportamento), Sofia Duarte (Repórter de Moda e Beleza), Mavi Faria (plantonista).
ESTAGIÁRIOS: Nathália dos Santos (Moda e Beleza), Rômulo Santana (Entretenimento), Victor Evaristo (Comportamento

COLABORADORES DA EDIÇÃO
Camila Tuon (fotografia), Pâmela Anastácio (light design) Tiago Zani e Luiza Nóbrega (TWZ) (vídeo), Ânéco Oblangata (styling), Camila Anac (beleza), Chloe D'Oliveira (assistente de beleza) Cena Creators (estúdio e cenografia), Aizomê (Catering).

Abril

Fundada em 1950

Publisher: Fabio Carvalho

VICTOR CIVITA
(1936-2013)

CEO: Maurício Lima
CO-CEO: Francisco Coimbra
VP DE PUBLISHING (CPO): Andrea Abelleira
Diretoria financeira (CPO): Marcelo Shimizu
VP de Tecnologia e Operações: Guilherme Valente
Diretoria de Monetização, Logística e Clientes: Erik Carvalho
Diretor de publicidade: Ciro Hashimoto
Diretor de Assinaturas: Alberto Pirro
Gerente de projetos especiais: Juliana Caldas

ROBERTO CIVITA
(1907 – 1990)

FALE COM A GENTE:
capricho@abril.com.br

Redação e Correspondência
301 Usina - Av. Alcides Sangirardi, s/n - Espaço C - Cidade Jardim, São Paulo - SP, 05672-015

EDIÇÕES DIGITAIS
http://goread.com.br
TRABALHE CONOSCO
http://talentosabril.vagas.solides.com.br/
PARA ANUNCIAR NO DIGITAL E IMPRESSO:
publicidade@abril.com.br
CANAIS DE ATENDIMENTO
http://www.abrilsac.com
Por WhatsApp: (11) 3584-9200
Por e-mail: atendimento@abril.com.br
LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos de reprodução de texto e imagens, envie um e-mail para licenciamentodeconteudo@abril.com.br

WWW.GRUPOABRIL.COM.BR

LEIA + EM:

CAPRICHO.COM.BR

até a próxima edição! :P

segue a gente nas redes sociais!

@CAPRICHO